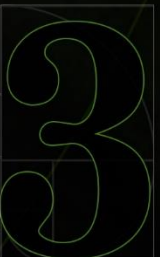


e-books
NÚCLEO DE FORMAÇÃO

Um Passeio pela História do

Liberalismo



Copyright © 2020 Brasil Paralelo
Os direitos desta edição pertencem a Brasil Paralelo

Editor Responsável: Equipe Brasil Paralelo
Revisão ortográfica e gramatical: Equipe Brasil Paralelo
Projeto de capa: Equipe Brasil Paralelo
Produção editorial: Equipe Brasil Paralelo

Gomes, Ricardo

Um Passeio Pela História do Liberalismo: aula 3

ISBN:

1. Economia 2. Liberalismo

CDD 330

Todos os direitos dessa obra são reservados a Brasil Paralelo.
Proibida toda e qualquer reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução sem permissão expressa do editor.

Contato:

www.brasilparalelo.com.br

contato@brasilparalelo.com.br

SINOPSE

Neste e-book, daremos um rasante na história da Segunda Guerra Mundial a fim de entender por que este é um momento fundamental para a história da liberdade.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final deste e-book, espera-se que você saiba: três características fundamentais do nazismo; diferença entre autoritarismo e totalitarismo; o que a Segunda Guerra Mundial representou na história da liberdade.

INTRODUÇÃO

Falaremos da Segunda Guerra Mundial com o enfoque na importância que teve para a liberdade e para o liberalismo. Ao abordar este tema, queremos mostrar que a Segunda Guerra foi um grande marco na defesa da liberdade. Neste caso, na defesa armada da liberdade. Para fazer isso, aproveitaremos os discursos de Winston Churchill, os quais percebo como um legado intelectual desse conflito.

Os discursos de Churchill estão entre os mais bem escritos da história e expressam o que a Segunda Guerra representou para a batalha da liberdade. Com isso, não há dúvidas de que Churchill merece o espaço que tem no panteão dos grandes heróis do século 20.

Churchill não pode ser chamado de um grande liberal da história. Ele era um conservador. Várias de suas decisões de governo não são aplaudidas pelos liberais modernos, e mesmo os de então, mas o resultado da vitória na Segunda Guerra foi fundamental para a manutenção e a restauração da liberdade na Europa.

Há um livro, de Vaclav Klaus, que foi presidente da República Tcheca, chamado “Renaissance - Renascimento da liberdade no coração da Europa”. Ele utiliza a palavra renascimento porque é esse elemento de liberdade que se perdeu sob o nazismo, o qual se expandiu para a Europa inteira na Segunda Guerra e que exigiu esforço para que seu avanço fosse contido.

Há dois pontos iniciais a serem abordados. O primeiro deles é como chegamos na Segunda Guerra Mundial. O segundo é compreender como se produziu o nazismo.

Alemanha penalizada

A Segunda Guerra Mundial é resultado quase direto do Tratado de Versalhes, que pôs fim a Primeira Guerra Mundial. Ao fim da Primeira Guerra Mundial, em que

se enfrentaram a vencedora Tríplice Entente, formada por Reino Unido, França e pelo Império Russo, contra a Tríplice Aliança, de Alemanha, Itália e o Império Austro-húngaro, a Alemanha foi basicamente culpada pela guerra que havia acontecido. O Tratado de Versalhes, de 1919, lança sobre a Alemanha a culpa pela Primeira Guerra Mundial, o maior massacre visto até então. Essa culpa lançada foi acompanhada de multas a serem pagas no valor de 325 bilhões de marcos, um valor impagável para a Alemanha, que era feito anualmente para os países que alegavam ter sofrido com a guerra. A Alemanha ficou com a obrigação de indenizar os países pelos custos e danos que tiveram com a guerra. Para dar uma dimensão da quantia, uma subcláusula do Tratado previa que, para contribuir nos pagamentos, os países da Tríplice Entente cobriam da Alemanha 12% de todo seu comércio internacional. Essa obrigação de pagar, primeiramente, levou a Alemanha a uma ruína econômica, na incapacidade de fazer os pagamentos. Além disso, a Alemanha perdeu territórios para quase todos os seus vizinhos.

No final da Primeira Guerra, houve a queda da monarquia na Alemanha e formou-se a República de Weimar. Em termos de direito constitucional, a Constituição de Weimar, de 1919, ficou muito famosa. Ela instaurou um Estado Social-democrata que, por si só, era impagável, ainda mais quando somado aos encargos da guerra. Para solucionar essa situação, o governo encontrou uma brilhante saída, repetida várias vezes ao longo da história, de imprimir dinheiro para pagar as dívidas da guerra. Ao fazer isso, produziu uma inflação de tal ordem que as imagens dos anos 1920 e 1930 mostram alemães indo comprar pão com carrinhos de mão lotados, para conseguirem carregar o dinheiro necessário. O papel-moeda perdera qualquer sentido.

Neste contexto, de uma Alemanha esfacelada e humilhada pela guerra, surgiu e cresceu o partido nazista alemão, liderado por Adolph Hitler. Fundado em janeiro de 1919, antes da nova Constituição de Weimar. Neste ponto, quero explicar dois ou três elementos que compõem o pensamento nazista e que são antiliberais em sua essência.

O primeiro é o nacionalismo. A raiva e a mágoa da Primeira Guerra produziram, na Alemanha, um sentimento nacionalista muito forte, de recuperar a grandeza alemã. Por muitos anos, a Alemanha havia sido uma coletânea de vários reinos, que haviam se unificado. Na guerra, a Alemanha perdera essa condição novamente. O país perdeu território para todos os seus vizinhos e via o povo alemão sem uma nação. Os

alemães estavam espalhados pelos territórios que haviam sido dados como indenização aos outros países. Surgia esse sentimento nacionalista que é uma espécie de coletivismo. Isso é: os indivíduos são considerados bons ou maus de acordo com a sua nacionalidade. Com isso, a nacionalidade alemã passou a ser um dos principais elementos da formação do Partido Nacional Socialista, o partido nazista.

Um segundo elemento fundamental é o racismo, o antisemitismo. Cria-se uma facilidade para culpar os judeus pela administração do sistema financeiro, pela falência do sistema financeiro, pela ausência de crédito, apesar de as causas de um ambiente de hiperinflação estarem no governo. Os judeus eram vistos como invasores da Alemanha, como exploradores do lucro e da usura, como capitalistas selvagens, em um país que vivia uma dificuldade econômica muito grande. Há, assim, uma certa exportação da culpa, uma certa expiação, através dos judeus.

O terceiro elemento é o intervencionismo econômico, que normalmente acontece quando se estabelece esse tipo de coletivismo. Como a pátria é o que importa, aquele que não exerce uma atividade econômica que interesse à pátria está contra o bem de todos, e o bem de todos é maior do que o bem individual. Há a intervenção na economia. O sistema econômico nazista é muito comparado ao sistema econômico socialista naquilo que concerne o poder do estado intervir no poder econômico, na organização econômica e no mercado. O nazismo propugnava um profundo intervencionismo econômico como forma de defender os seus coletivismos.

O partido nazista alemão lançou um manifesto com 25 itens programáticos.

Certa vez, Ayn Rand, autora de “A Revolta de Atlas”, iniciou uma palestra informando que leria alguns posicionamentos e solicitando que as pessoas levantassem suas mãos quando concordassem com o que havia sido afirmando. Assim, ela leu: “Pedimos a constituição de um grande país que reúna todo nosso povo baseado no direito à autodeterminação dos povos”. A afirmação soou justa e muitos levantaram as mãos. Prosseguiu: “Pedimos terras e colônias para nutrir o nosso povo e reabsorver a nossa população”. Novamente, esta declaração soou como razoável. Ayn leu cerca de seis ou sete pontos dos 25, e todos concordaram com as proposições. Ao final, ela revelou à plateia que estava lendo o manifesto do Partido Nazista Alemão. Vamos ver mais alguns itens: “Pedimos que o Estado se comprometa a proporcionar meios de vida a todos os cidadãos”. Para que o Estado

possa se comprometer a fazê-lo, precisa dos meios para isso, e os meios são a intervenção econômica. Outro: “Só os cidadãos gozam de direitos políticos. Para ser cidadão, é necessário ser de sangue alemão”. Ou seja, para ser cidadão, é necessário ser de sangue alemão. Mais um: “a confissão religiosa pouco importa. Nenhum judeu pode ser cidadão”. Isso é uma questão racial. Ainda: “Os não-cidadãos só podem viver na Alemanha como hóspedes e terão de submeter-se a legislação sobre os estrangeiros” e “O direito de fixar a orientação e as leis do Estado é reservado unicamente aos cidadãos”. Portanto, cassou-se a cidadania de uma parcela da população que não podia sequer votar ou ser votada. E a última que veremos: “Pedimos que o Estado se comprometa a proporcionar meios de vida a todos os cidadãos. Se o país não puder alimentação toda população, os não-cidadãos devem ser expulsos do Reich”. A essência do nazismo está expressa nesses 25 itens. O racismo, o nacionalismo, o intervencionismo, estão expressos nos pontos defendidos pelos nazistas.

Em 1933, Hitler, líder do Partido Nazista, torna-se Chanceler da República de Weimar. Na época, a Alemanha apresentava um sistema semi-presidencialista. O Presidente era eleito como Chefe de Estado e nomeava um chanceler. Para ser seu Chanceler, o presidente escolheu Adolph Hitler. Foi deste modo que, em 1933, os nazistas chegaram ao poder. Ao chegar ao poder na Alemanha, o Partido Nazista promoveu uma remilitarização do país e a busca por reverter o Tratado de Versalhes. Um dos 25 itens defendidos, inclusive, era “Pedimos a igualdade de direitos para o povo alemão em relação às outras nações e a revogação do Tratado de Versalhes”. Qual ameaça cabia na revogação do Tratado de Versalhes? A devolução das terras que haviam perdido. Havia uma óbvia ameaça bélica de recuperá-las à força. Essa ameaça cresceu progressivamente ao longo dos primeiros cinco anos de Hitler até que, em 1938, eclode a questão dos sudetos, um pedaço da Alemanha que havia sido incorporado à Tchecoslováquia ao fim da Primeira Guerra. A Alemanha invadiu os sudetos.

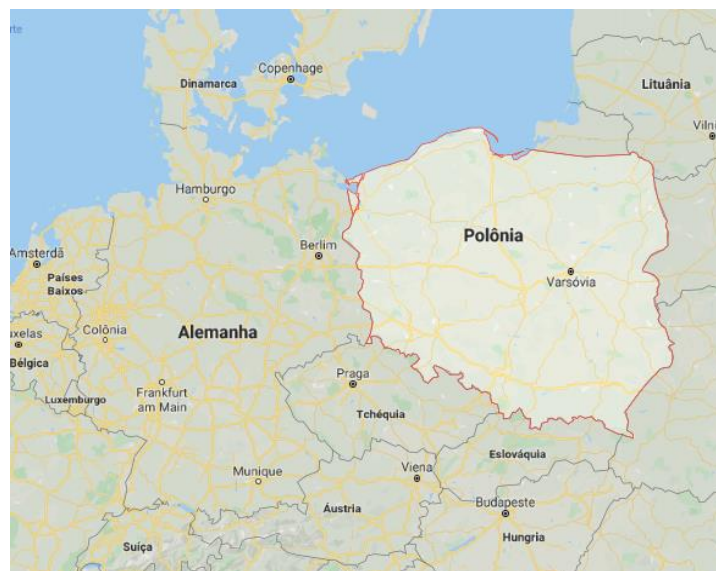
A fim de resolver essa questão, reuniram-se, em uma convenção, em Munique, o Primeiro-Ministro britânico Neville Chamberlain, Édouard Daladier representando a França, Benito Mussolini representando a Itália e Hitler representando a Alemanha. Não houve representação da Tchecoslováquia. França, Alemanha, Reino Unido e Itália assinaram o Acordo de Munique, que concedeu os sudetos de volta à Alemanha, em troca da desistência de Hitler de qualquer outro pleito territorial na Europa.



Eles acreditaram na validade do Acordo. Neville Chamberlain, ao retornar da Conferência de Munique, com o acordo nas mãos, fez um discurso declarando aos ingleses de que havia sido garantida “ a paz do nosso tempo”. Chamberlain foi aclamado nas ruas de Londres.

O estopim

No ano seguinte, no dia 1º de setembro de 1939, às 4:45, Adolph Hitler, aproveitando-se da fraqueza dos aliados, invadiu a Polônia.



No dia 3 de setembro, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia declararam guerra à Alemanha. A França se juntou à declaração de guerra durante a tarde. Inicia-se a batalha do Atlântico e são realizados os primeiros movimentos do que se tornaria a Segunda Guerra Mundial. Enquanto a Bélgica, a Espanha, os Países Baixos e a Iugoslávia declararam neutralidade, a África do Sul, o Canadá, o Egito e o Iraque uniram-se ao Reino Unido, a França, a Nova Zelândia e a Austrália e também declararam guerra à Alemanha.

No dia 17 de setembro, a União Soviética declarou guerra à Polônia. Aproveitando-se do fato de que os nazistas haviam invadido uma parte da Polônia, a União Soviética decide tomar para si a outra parte. Estes são os agentes com os quais se estavam tratando.

Após ambos terem invadido a Polônia, Alemanha (Hitler) e União Soviética (Stalin) firmam um pacto de não-agressão, o Ribbentrop-Molotov. Amigos entre si para dividir, entre eles, a Polônia. Em outubro, insatisfeito, com a invasão da Polônia, e no estado de guerra, Hitler ordena a preparação para a invasão da Bélgica, da França, de Luxemburgo e da Holanda. No dia 12 de outubro, os primeiros judeus são deportados da Alemanha para a Polônia. Era o início da criação do gueto de Varsóvia.

Adentrou-se em 1940 com a guerra estabelecida na Europa, um conflito ainda plenamente continental, travado em defesa dos países que a Alemanha invadia. Em abril de 1940, os alemães invadem a Dinamarca e a Noruega. Em 10 de maio de 1940, os alemães invadem a Bélgica, a França, Luxemburgo e a Holanda. Na Inglaterra, o governo de Neville Chamberlain, aquele que havia garantido a paz de nossos tempos, cai.

Churchill assume o Poder

Assume, em seu lugar, como Primeiro-Ministro, Winston Churchill.

No dia 10 de maio, o Rei da Inglaterra chamou Churchill e lhe pediu que formasse um gabinete, um governo. Como até hoje acontece na Inglaterra, o Executivo se forma a partir de um convite do monarca, ainda que isso seja uma formalidade, uma vez que são as eleições que determinam o governo. De qualquer modo, o Rei convoca o Primeiro-Ministro e ordena-lhe que forme um governo. No dia 13 de maio de 1940, Churchill fez um discurso que se tornou um dos mais famosos do mundo e que, no Brasil, ficou conhecido como “sangue, suor e lágrimas”. Na

verdade, o discurso apresentava um quarto elemento. Churchill dirigiu as seguintes palavras ao parlamento inglês:

“Na última sexta-feira, recebi uma comissão de Sua Majestade para formar uma nova administração. É evidente o desejo de que esse governo seja concebido na base mais ampla possível e que possa incluir todos os partidos. Um gabinete de guerra foi formado por cinco membros [...]”.

Todos os líderes de todos os partidos estavam representados no novo governo. Prosseguiu: “Eu diria para esta casa, como disse para aqueles que se juntaram ao governo: eu não tenho nada a oferecer a não ser sangue, trabalho duro, suor e lágrimas”. Churchill foi um Primeiro-Ministro que assumiu e formou um governo declarando ao país que não possuía nenhuma promessa de alegria, mas apenas sangue, trabalho duro, suor e lágrimas. Afirmou isso porque sabia que a Inglaterra mergulhava na maior guerra da sua história. O discurso continua:

“Nós temos diante de nós uma ordem do dia do tipo mais gravoso. Nós temos, diante de nós, muitos longos meses de batalha e sofrimento. Vocês perguntam qual é a nossa política. Eu posso dizer: é fazer guerra. Pelo mar. Por terra. Pelo ar. Com todo nosso poder e toda força que Deus possa nos dar. Fazer guerra contra uma tirania monstruosa, nunca vencida no negro lamentável catálogo do crime humano. Esta é a nossa política. Vocês perguntam qual é o nosso objetivo. Eu posso responder em uma palavra: é vitória. Vitória a todo custo. Vitória apesar de todo terror. Vitória ainda que longa e dura seja a jornada, pois, sem vitória, não haverá sobrevivência. Que isso seja bem entendido. Não haverá sobrevivência para Império Britânico. Não haverá sobrevivência para tudo que o Império Britânico sustenta. Não haverá sobrevivência para a urgência e o impulso de eras de que a humanidade deve se mover para frente. Mas eu assumo esta missão com alegria e esperança. Eu tenho certeza que a nossa causa não falhará entre os homens. Neste momento, eu me sinto intitulado a pedir a ajuda de todos e eu digo: venham! Que possamos seguir adiante com nossa força unida”.

Vale a pena ler esse discurso na íntegra. Churchill assume o governo para fazer o que há muito tempo fazia: enfrentar Hitler. Durante a Primeira Guerra Mundial, Churchill havia sido Primeiro Lorde do Almirantado, posição mais alta da Marinha Britânica. Há muito ele alertava que as condições do Tratado de Versalhes permitiriam que um louco chegasse ao poder na Alemanha. Esse momento é importante para esse nosso passeio, porque é nele que Churchill estabelece a retórica com a qual a

guerra seria lutada. Não é só uma guerra entre países. É a guerra contra a tirania. Não é porque o inimigo é um invasor estrangeiro. Está-se lutando contra uma tirania jamais ultrapassada, jamais vencida, em termos de crime contra a humanidade. Essa é a dimensão que é atribuída ao nazismo. O nazismo não era um inimigo comum. Não era um país vizinho lutando por território. O nazismo era uma monstruosidade. Libertícida. Contrário a todas as liberdades que os britânicos souberam construir ao longo da sua história. Churchill proclama: “A tudo aquilo porque o império britânico se dedica e construiu”¹. Com isso, está evocando a longa tradição britânica de um governo constitucional em preservação das liberdades dos homens. E ele afirma que esta é a batalha contra Hitler.

Obviamente, não se ganham guerras somente com discursos. No dia 15 de maio, dois dias após esse discurso de Churchill, a Holanda se rende e a rainha da Holanda precisa abandonar o país.

Os Estados Unidos são convocados

Em junho, com a ameaça alemã crescendo cada vez mais, Churchill faz um segundo discurso no parlamento, que também entrou para a história. Estamos falando em junho de 1940. É a primeira vez que Churchill conclama os Estados Unidos para participar da guerra. Sabemos que os Estados Unidos só entrarão em 1942 na guerra, depois do ataque a Pearl Harbor. Um outro aspecto que acho relevante mencionar que, nessa época, a televisão não cobria eventos. As pessoas se informavam pelo rádio e os discursos de Churchill também eram informativos. Churchill contava como a Inglaterra havia vencido as batalhas, quantas pessoas haviam participado. Ele narrava o cenário da guerra e o plano de guerra.

Nesse episódio, Churchill falou da evacuação em Dunquerque, quando soldados britânicos que estavam na Europa foram cercados pelos alemães, ficaram de costas para o mar, de frente para as montanhas, com os alemães os atacando, inclusive com voos da força aérea alemã, a *Luftwaffe*, e eles não tinham para onde fugir. Os britânicos não tinham como evacuar esses homens e Churchill convoca todos os barcos disponíveis a participarem do esforço de evacuar estes homens.

¹ Recomendo que assistam à primeira aula do curso “As origens do Estado”, em que tratamos do surgimento do Estado britânico, para entender, com maior precisão, o que Churchill evoca nesse momento.

Lembremos que a Inglaterra é uma ilha, é um país de marinha mercante. Churchill narra isso no rádio:

“A força aérea se engajou com toda força contra a força aérea alemã e infligiu sobre eles perdas de pelo menos quatro por um e a marinha, usando aproximadamente mil embarcações de todos os tipos, carregou 335 mil homens, franceses e britânicos, tirando-os das mandíbulas da morte e da vergonha de volta à sua terra nativa e de volta ao trabalho que sobre eles imediatamente cairá.” Ele termina dizendo: “Eu mesmo tenho plena confiança de que se todos fizermos nosso dever, se nada for negligenciado, e se os melhores arranjos forem feitos, como estão sendo feitos, nós nos provaremos mais uma vez capazes de defender a nossa ilha, de vencer a tempestade da guerra, e de sobreviver à ameaça da tirania, se necessário por anos, se necessário, sozinhos. A qualquer custo, isso é o que nós tentaremos fazer. Esta é a resolução do governo de Sua Majestade, de cada homem no governo. Essa é a vontade do parlamento e da nação. O império britânico e a república francesa, ligados juntos por sua causa e em sua necessidade, defenderão até a morte o seu solo nativo, ajudando-se uns aos outros, como bons camaradas, até o fim de suas forças. Ainda que grandes pedaços da Europa e muitos velhos Estados famosos tenham caído, ou possam cair, sobre as garras da gestapo e do odioso aparato de guerra nazista, nós não capitularemos ou falharemos. Nós continuaremos até o final. Nós lutaremos na França, nós lutaremos nos mares e nos oceanos. Nós lutaremos com crescente confiança e com crescente força no ar. Defenderemos nossa ilha, qualquer que seja o custo. Nós vamos lutar nas praias. Nós vamos lutar nos campos de pouso. Nós vamos lutar nos campos e nas ruas. Nós vamos lutar nas montanhas. Nós jamais nos renderemos. E, ainda, o que nem por um segundo acredito, se esta ilha, ou parte dela, for subjugada e estiver morrendo de fome, então o nosso império além do mar, armado e guardado pela frota britânica, carregará a luta adiante até que, no bom tempo de Deus, o novo mundo, com todo seu poder e sua força, deem um passo adiante para o resgate e a liberação do velho”.

Que chamado para a guerra para os Estados Unidos. Essa é a primeira convocação que ele faz. Na passagem, “Se nós cairmos, nós resistiremos até que o novo mundo, os Estados Unidos, com toda a sua força e o seu poder, venham em resgate do velho” colhe o que a Inglaterra semeou, por séculos, em solo americano. Os americanos são herdeiros da tradição britânica e Churchill os chama para guerra. Ainda sem efeito, contudo.

A queda da França e um novo discurso

Em 14 de junho, a França cai. Paris é ocupada pelas tropas alemãs. O governo francês recua para Bordeaux. No dia 18 de junho, Charles de Gaulle forma o Comitê Francês da Liberação. Mais tarde, de Gaulle seria preso. Concomitantemente, Estônia, Letônia e Lituânia são ocupadas pela União Soviética. Enquanto a expansão de um totalitarismo acontece na frente oeste, na frente leste, a União Soviética se aproveita da fraqueza que a guerra promove na Europa para ganhar espaço. Com a França vencida e todas essas circunstâncias, Churchill faz mais um de seus discursos, no qual afirma: “Não importa o que aconteça com a França ou com o governo francês, nós nesta ilha e no império britânico jamais perderemos o nosso senso de camaradagem com o povo francês...”.

Importante apontar que nenhuma nação na história foi, por mais tempo e por mais vezes, inimiga da Inglaterra do que a França. Esses países duelaram na Guerra dos 100 anos, que durou 116 anos. Durante metade da Baixa Idade Média, Inglaterra e França guerrearam entre si. E Churchill declara: “Jamais perderemos nosso senso de camaradagem com o povo francês. Se nós somos agora chamados a aguentar o que eles aguentaram, a sofrer o que eles sofreram, nós devemos emular a sua coragem. E se a vitória final homenagear nosso trabalho, eles deverão participar dos ganhos e, sim, a liberdade deve ser restaurada para todos. Nós não abateremos nada das nossas justas demandas. Nada. Tchecos, polacos, noruegueses, holandeses, belgas, todos se juntam à nossa causa. Todas as suas liberdades devem ser restauradas.”. Ou seja, a Inglaterra luta não para se proteger apenas de Hitler. Existe um comprometimento da Inglaterra com a restauração da liberdade nos países que foram invadidos. O parágrafo final desse discurso também é famoso:

“o que o general Weygand chamou de ‘a batalha da França’, acabou. Eu espero que a batalha da Inglaterra esteja prestes a começar. Desta batalha depende a sobrevivência da civilização cristã. Dela, dependem a nossa própria vida britânica e a longa continuidade das nossas instituições e do nosso império. Toda a fúria e poder do inimigo, muito em breve, se voltarão sobre nós. Hitler sabe que terá que nos quebrar aqui, nesta ilha, ou perderá a guerra. Se nós pudermos nos levantar contra ele, toda a Europa pode ser livre e a vida do mundo pode seguir de novo caminhando em pradarias iluminadas pelo sol. Mas, se falharmos, então, todo o mundo, incluindo os Estados Unidos, incluindo aquilo que nós mais amamos e pelo que mais nos

importamos, afundará no abismo de uma nova era negra, tornada ainda mais sinistra e talvez mais protraída pelas luzes da ciência perversa. Que nós possamos nos abraçar ao nosso dever e nos comportar de tal modo que, se o império britânico durar mais mil anos, as pessoas ainda olharão para o dia de hoje e dirão: aquele foi o seu melhor momento”.

O povo ouviu isso no rádio, esperando a guerra. Churchill consegue fazer um libelo que não é em defesa do solo britânico. De novo, é o futuro da própria civilização cristã, é a restauração da história da Inglaterra, a continuidade de suas instituições e de seu império. Além disso, consegue emocionar o povo para que saia à luta.

O poderio nazista

A guerra continua avançando na Europa. Neste período, Itália e Japão entraram na guerra ao lado da Alemanha. Com isso, o conflito toma proporções maiores. Em 6 de abril de 1941, as forças alemãs, húngaras e italianas, invadem a Iugoslávia e a Grécia. Em 27 de abril, Atenas é ocupada por tropas alemãs e a Grécia se rende. Um sinal da força da máquina de guerra alemã. Um país soberano que cai em 21 dias, com a *blitzkrieg* alemã.

O poder militar alemão, nessa época, em comparação ao inglês, ao americano e ao francês, era tremendamente maior. Em *New Orleans*, nos Estados Unidos, existe o Museu do Dia D, do desembarque da Normandia. A primeira instalação do museu é uma representação de um soldadinho de chumbo para cada mil soldados disponíveis para os exércitos da época. Enquanto há uma parede cheia de soldadinhos de chumbo alemães, há apenas um quadrado pequeno referente aos exércitos americanos, franceses e ingleses. A força militar alemã era imensamente desproporcional.

Para dar uma dimensão do esforço de guerra, em junho, tem início o racionamento de roupas no Reino Unido, porque a indústria têxtil trabalhava para produzir uniformes para guerra.

Em setembro, a Alemanha obriga os judeus a usarem a estrela amarela no peito. No dia 3 de setembro 1941, acontece o primeiro teste com as câmaras de gás em Auschwitz. Em 23 de novembro, pela primeira vez, essas câmaras de gás são utilizadas para exterminar judeus. Começa a última fase da solução final da questão judaica. A Alemanha começa a colocar em prática o seu processo de extermínio dos judeus.

Os Estados Unidos entram na guerra

Em 7 de dezembro, como disse Roosevelt, uma data que viverá na infâmia, enquanto Estados Unidos e Japão negociavam um tratado de paz entre eles, o general Tojo, do Japão, determina o ataque à Pearl Harbor. As forças americanas no Havaí, um Estado americano, são destruídas pelos japoneses e então, só então, em dezembro de 1941, os Estados Unidos declaram que entrarão na Segunda Guerra Mundial.

Com isso, o Japão declara guerra aos Estados Unidos, ao Reino Unido, ao Canadá, à Austrália, à Nova Zelândia e à África do Sul. Além dos Estados Unidos, os Países Baixos e países da América Latina (Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá e Guatemala), com um certo grau de subordinação aos Estados Unidos, também entram na guerra. Essa postura dos países latino-americanos foi resultado da Doutrina Monroe, que propugnava “a América para os americanos”. Os Estados Unidos há muito desejavam ver a influência das potências europeias, em relação à sua, diminuir no continente americano.

A China declara guerra à Alemanha, à Itália e ao Reino Unido. A China, aliás, é um dos países que mais perdeu soldados na Segunda Guerra. Se não estou enganado, foram cerca de 15 milhões de soldados. No entanto, raramente lembramos da participação chinesa.

Os Estados Unidos entram na guerra enviando soldados e forças. A guerra se espalha pela Europa.

Alemães e russos quebram o Pacto de Ribbentrop-Molotov e se atacam mutuamente. Os alemães chegam a tomar a cidade de Stalingrado e, em 1942, começam a perdê-la. Este é um dos principais momentos da reviravolta da guerra. Os soviéticos empreendem a retomada do espaço do seu território que os alemães tinham invadido. Assim como a Napoleão, o inverno russo castigar os invasores. Em dezembro, tropas alemãs tentam romper o cerco a Stalingrado, mas fracassam e pedem ajuda a Hitler. Este afirma que devem lutar até o último homem. A notícia desse sacrifício inútil de homens ataca a moral dos exércitos alemães. Por que morrer se não há chance de vencer a batalha? É sabido por todos generais que que, ante à perda da batalha, deve-se capitular e salvar a vida de seus homens.

No início de 1943, ocorre a Conferência de Casablanca em que Franklin Roosevelt, Churchill e de Gaulle, da França, reúnem-se em Casablanca, no Marrocos francês. Esse é um momento de virada do jogo. Os aliados estão ganhando batalhas.

Roosevelt, Churchill e de Gaulle decidem que não vão aceitar uma rendição condicional da Alemanha. Em janeiro de 1943, os aliados asseveram que lutarão a guerra até o fim, até a vitória completa, e que não aceitarão restituir a Hitler qualquer tipo de poder. Essa é uma mensagem ao governo alemão também, de que os aliados lutariam até tomar Berlim, não apenas até reconquistar os países invadidos.

A primeira derrocada

Em 25 de janeiro de 1943, Von Paulus, comandante do cerco das tropas alemãs em Stalingrado, telegrafa a Hitler, expondo a situação e pedindo autorização para se render. Hitler, novamente, responde que a capitulação é impossível e que as tropas devem lutar até a morte. No dia 31 de janeiro, o 6º Exército Alemão se rende. Von Paulus ignora a ordem de Hitler e se rende. É a primeira grande batalha que termina em derrota para os alemães.

Muitos comunistas, hoje, lembram a participação do Exército Vermelho na Segunda Guerra como um salvo-conduto para defender o que defendem.

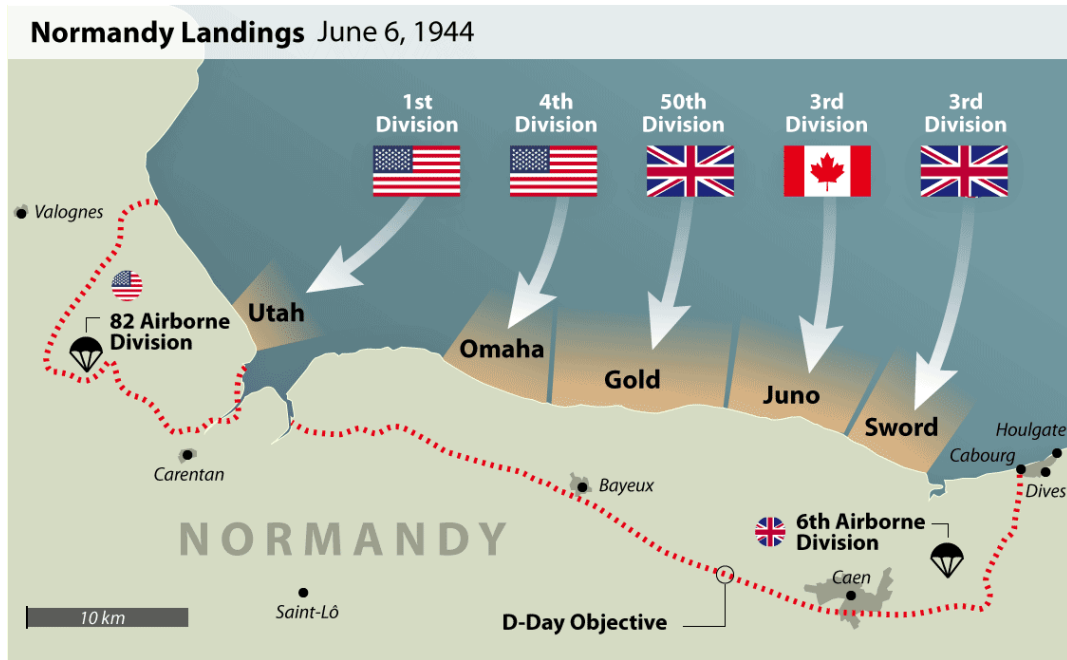
Em fevereiro de 1943, ocorre um racionamento de sapatos nos Estados Unidos. Em março, carne, queijo e manteiga também passam a ser racionados. Os Estados Unidos já haviam se levantado da crise de 1929. Estamos falando de uma potência mundial com capacidade econômica de produzir exércitos, de produzir uma máquina de guerra suficiente o bastante para ajudar a vencer Hitler. No entanto, seu povo vive racionamento de carne, queijo, manteiga, sapato, roupa, etc... Menciono isso para dar uma dimensão de como, em uma guerra deste porte, os recursos da sociedade são drenados para o esforço de guerra.

Em abril de 1943, ocorre o levante no gueto de Varsóvia, na Polônia. Para se ter uma ideia, dos 380 mil judeus que haviam sido enviados para o gueto de Varsóvia, 300 mil foram mortos no campo de concentração de Treblinka.

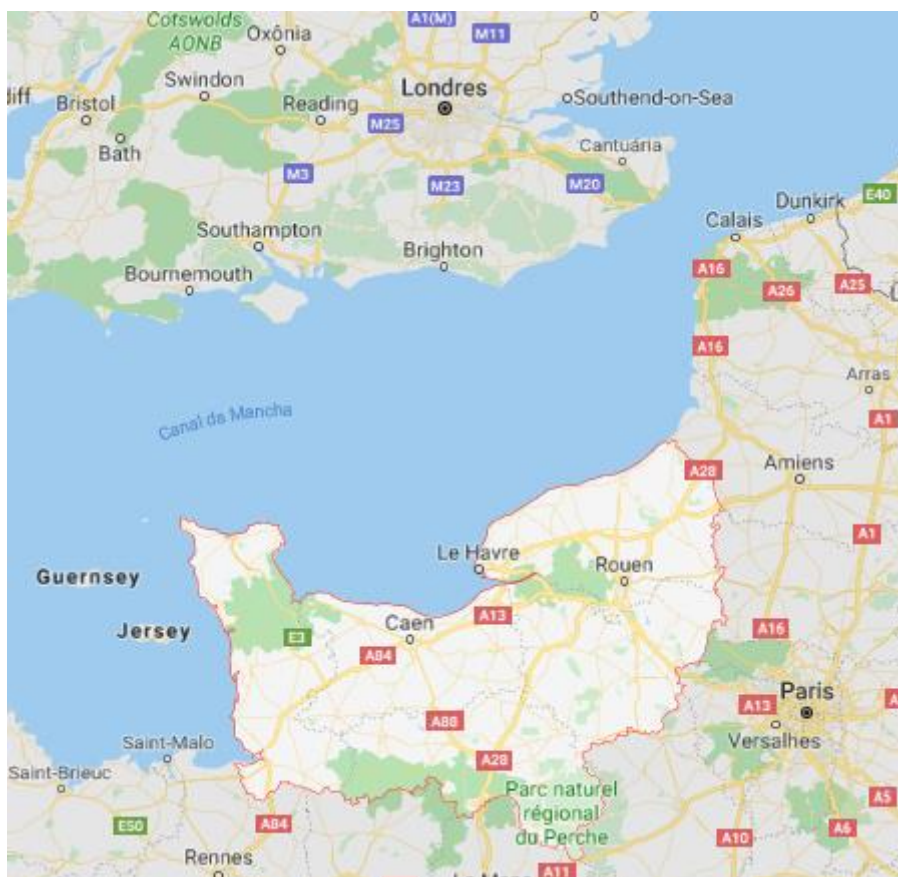
A China se rende ao Japão. Há bombardeios à Itália. Em 25 de julho de 1943, o governo fascista de Benito Mussolini cai e a Alemanha perde um importante aliado. Hitler fica furioso com a capitulação das forças italianas. Ele considera isso uma traição e invade a Itália. Hitler estava perdendo a guerra. Nessa época, enfrentava dificuldades para manter a sua frente, estava sucumbindo na Rússia. Mesmo assim, decide invadir a Itália. Para quem ainda não assistiu, o filme a queda é obrigatório. Há uma cena histórica, que ganhou uma série de versões, que mostra o descontrole emocional do Comando Alemão no momento em que começam a perder a guerra.

Chegamos a 1944, um ano decisivo. Estava programado para o dia D e a hora H, ou seja, o 4º dia do mês e a 8ª hora do dia, o desembarque na Normandia². As forças aliadas se reúnem para fazer a travessia do canal da Mancha e o desembarque na Normandia. O desembarque não acontece no dia marcado, porque as condições do tempo eram adversas para a travessia. No dia 4 de junho, marcado para o desembarque que não acontece, Roma é finalmente libertada pelos aliados. Termina a conquista da Itália. Dois dias depois, no dia 6 de junho, as tropas aliadas fazem o famoso e celebrado desembarque na Normandia.

² Há uma certa ironia nesta história, porque a última vez que a Inglaterra foi invadida com eficiência por um exército estrangeiro foi no ano de 1066. Neste ano, Guilherme, o Conquistador, Duque da Normandia, invadiu a Inglaterra, venceu a batalha de Hastings e se declarou rei, sendo coroado em Westminster. Guilherme, o Conquistador, saiu justamente da Normandia, em que neste momento ocorre o desembarque aliado.



THE CANADIAN PRESS



Há um dado que gosto de compartilhar. Vocês sabem por que o Museu do dia D está em *New Orleans*, nos Estados Unidos? Porque a fábrica de barcos Higgins ficava em *New Orleans*, na Louisiana. Os barcos Higgins são esses que vemos no filme, os quais possuem uma rampa para desembarque. É um barco quase anfíbio.

Ele apresenta uma ponta do casco levantada, para fazer uma aproximação na areia, e uma rampa para os soldados descerem.



Cerca de 24 mil soldados desembarcaram na Normandia, em um único momento. Para realizar essa operação, chamada de Overlord, a Normandia foi dividida em cinco praias. Os aliados Inglaterra e Estados Unidos desembarcaram nas praias de Juno, Utah e Omaha. As outras duas praias eram de responsabilidade dos demais aliados.

Para dar uma ideia da produção naval americana, ao longo da guerra, entre os anos de 1941 e 1945, foram produzidos mais de 23 mil barcos Higgins. Eram estes o poder e a força a que Churchill se referiu quando disse “até que o novo mundo, com todo seu poder e a sua força, venham em resgate do velho”. Churchill tinha consciência que a capacidade industrial americana era fundamental para fazer frente à capacidade industrial alemã.

O fim da Segunda Guerra

No dia 20 de julho de 1944, ocorre a Operação Valquíria, um atentado à bomba, com o objetivo de matar Hitler. A operação fracassa, mas demonstra a divisão

existente no comando alemão. A Alemanha mergulhava em uma crise e os próprios militares alemães organizaram uma tentativa de homicídio a Hitler.

Em outubro, os soviéticos invadem a Iugoslávia.

Em 14 de outubro, a Grécia é libertada. Em 20 de outubro, Belgrado é liberada pelo exército vermelho. Em 4 de novembro, as forças do Eixo na Grécia se rendem, fazendo com a Grécia fique totalmente libertada. No dia 26 de novembro, Himmler determina a destruição dos crematórios de Auschwitz e Birkenau, a fim de esconder, da força invasora, o que havia sido feito. Naquele momento, os alemães sabiam que perderiam a guerra e queriam esconder a verdade dos campos de concentração.

No final de 1944, há a grande resistência de Bastogne, uma batalha em que houve um grande esforço para deter a força alemã.

Em janeiro de 1945, último ano da guerra, começa a ofensiva dos soviéticos no inverno.



As tropas soviéticas libertam Varsóvia, na Polônia, e, em 27 de janeiro, o campo de concentração de Auschwitz.

Em fevereiro de 1945, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai, Egito, Turquia, Síria, Arábia Saudita, Finlândia e Argentina declaram guerra à Alemanha.

A guerra continua até que, em 23 de abril de 1945, o exército vermelho marcha sobre Berlim. Mussolini e sua amante tentam fugir para Suíça, mas são capturados, despidos, mortos e pendurados de cabeça para baixo.



Dachau é libertada pelo exército dos Estados Unidos.

No dia 30 de abril de 1945, Adolph Hitler e sua recém-esposa, Eva Braun, cometem suicídio em Berlim. Em seu testamento, Hitler nomeia Karl Dönitz como seu sucessor. Ele nunca chegou a assumir o poder.

No dia 1º de maio, a rádio de Hamburgo espalha a notícia de que Hitler havia se matado. Goebbels e sua esposa envenenam seus filhos e seus cachorros e também se matam.

Os soviéticos, em Berlim, abaixam a bandeira nazista do *Reichstag* e levantam a bandeira soviética. As forças alemãs nos Países Baixos e na Dinamarca se rendem. Mauthausen-Gusen, outro campo de concentração, é libertado pelas forças norte-americanas. A Dinamarca é libertada. No dia 7 de maio de 1945, Alfred Jodl assina a rendição incondicional das forças alemãs aos aliados.

Gostaria de fazer um pequeno e breve adendo. Não raras vezes, nós desprezamos a participação brasileira na Segunda Guerra. Com todo esse campo de guerra, o Brasil teve uma participação infinitamente menor que a americana, que a francesa, que a soviética, que a inglesa. Mas, a 148ª divisão alemã se rendeu, na Itália, para a Força Expedicionária Brasileira, que, aliás, conseguiu surpreender os Estados Unidos quando enviou uma divisão inteira para a guerra, o que era muito além do que se esperava do Brasil.

O último discurso

No dia 7 de maio, com a rendição dos alemães, Churchill faz seu último discurso da guerra, anunciando seu fim. Ele narra de forma exaustiva, por isso, separei alguns trechos. Ele diz: “ontem de manhã, às 02:41, no nosso quartel-general,

o general Jodl, representante do Alto Comando Alemão e o almirante Dönitz, designado Chefe de Estado Alemão [sucessor de Hitler] assinaram o ato de rendição incondicional de todas as forças de terra, ar e mar alemãs, para a força expedicionária e, simultaneamente, ao Alto Comando Soviético [...]. As hostilidades terminarão, oficialmente, um minuto após a meia-noite, esta noite. Oito de maio. Mas, com o objetivo de salvar vidas, o cessar-fogo começou a ser soado no fronte e nas nossas ilhas, que deverão ser liberadas hoje. Os alemães, em alguns lugares, ainda resistem às tropas russas, mas, se continuarem a fazê-lo após a meia-noite, estarão privados da proteção das leis da guerra e serão atacados de todos os cantos por forças aliadas. Não nos surpreenderá se, com um fronte tão longo e com uma desordem como há que no comando alemão, que haja algumas hostilidades. Isso não significa, na nossa opinião e no nosso aconselhamento, qualquer razão para evitar de comunicar à nação os fatos que nos comunicou o general Eisenhower da rendição incondicional já soada em Reims, e nem nos evita que celebremos hoje e amanhã como o dia da vitória na Europa. A guerra alemã está, portanto, acabando.”. Esse é um discurso que Churchill faz no rádio, anunciando a toda população que a guerra estava acabando. “Finalmente, quase o mundo todo se combinou contra o mal, que agora está prostrando diante de nós. Aos esplêndidos exércitos aliados, nossa gratidão vai do nosso coração, desta ilha, e do nosso império. Podemos agora celebrar. Mas não nos esqueçamos por um momento do trabalho e dos esforços que ainda temos pela frente.”. Ele estava se referindo ao Japão. Churchill termina dizendo “Avante Britânia”. O nome latino da Grã-Bretanha. “Longa vida à causa da liberdade. Deus Salve o Rei!”. Churchill faz esse discurso no rádio, caminha para o parlamento inglês, em Westminster. Ele lê, para o parlamento, a mensagem que acabara de transmitir no rádio. E acrescenta: “Essa é a mensagem que fui instruído [pelo Rei] a entregar à nação britânica e à sua comunidade. Eu tenho apenas duas ou três frases a acrescentar. Elas trarão à casa a minha profunda gratidão, a esta casa dos comuns, ao parlamento inglês, que se provou a fundação mais forte para fazer guerra jamais vista ao longo de nossa história.”, o parlamento inglês se mostrou a fundação mais forte para a guerra. “Nós todos cometemos nossos erros, mas a força da instituição parlamentar mostrou possível, ao mesmo momento, preservar os ganhos da democracia enquanto fazemos guerra na forma mais dedicada. Eu quero dar o meu agradecimento de coração aos membros de todos os partidos, a todos em todos os lugares da casa, onde quer que sentem, por seu apoio para manter vivas as

instituições parlamentárias, que foram mantidas, ainda que sobre o fogo do inimigo, e na forma como nós conseguimos perseverar, e poderíamos ter perseverado por muito mais, se tivesse sido necessário.”

Em primeiro lugar, Churchill fez um agradecimento aos parlamentares. Em segundo, um elogio às instituições britânicas, que mesmo enfrentando a tirania, um inimigo monstruoso, com poder militar absurdamente superior no início da guerra, permitiu que a Inglaterra fizesse a guerra preservando as instituições parlamentares e os direitos ingleses. Em terceiro: “Eu me lembro que, no fim da última guerra, mais de um quarto de século atrás, quando essa casa ouviu a longa lista de exigências da rendição, os termos do armistício que tinham sido impostos pelos alemães, não se sentiu inclinada a debater qualquer assunto, mas desejou agradecer a Deus todo poderoso. Ao grande poder que parece moldar os desígnios e a sorte das nações e o destino dos homens. E eu, portanto, peço, humildemente, senhor Presidente, imploro, a sua permissão para a seguinte moção: que essa casa agora interrompa seus trabalhos [e atravessa-se a rua] e atenda à Igreja de Saint Margaret, em Westminster, para dar humildes e reverentes graças a Deus.” E encerra-se a sessão.

Acaba a Segunda Guerra.

Em verdade, acaba o palco europeu da Segunda Guerra. Há os episódios das bombas atômicas no Japão. O fronte asiático, a guerra no pacífico, continua.

O motivo pelo qual destaquei essa fala, e o ponto fundamental, não é só a retórica da guerra. É compreender o quanto nós estivemos próximos, no meio do século 20, de perder séculos de tradição, de constrição do tamanho do Estado, de resistência dos indivíduos quanto à tirania do poder, e quase sucumbimos ao totalitarismo. Essa é a mensagem da Segunda Guerra.

Em 1947, Friedrich Hayek funda a Mont Pèlerin Society, na Suíça, com o objetivo de estudar quais tinham sido as causas que tinham levado ao fim da liberdade no continente europeu. Se tivesse prosperado o nazismo, como disseram os franceses, nós estaríamos provavelmente falando alemão. Nós não conheceríamos mais o conceito de democracia, de Estado de Direito, e viveríamos, sem dúvida, pelo menos por um tempo, sobre um totalitarismo.

Autoritarismo versus Totalitarismo

Para dar a dimensão do que foi o nazismo, e do que é o comunismo, é importante diferenciar o que é um totalitarismo do que é um autoritarismo. Dizem que

a diferença é que, no autoritarismo, um filho não liga para a polícia para denunciar o pai. No totalitarismo, sim. É uma forma de dizer. Mas a verdade é que o totalitarismo pretende, pressupõe, a subjugação de todas as esferas da vida humana a um projeto político, a um projeto de poder, a um projeto ideológico. Todas. Isso é: a dimensão científica. Nós vemos, por exemplo, no comunismo, falarem na ciência proletária. A dimensão da estética com as artes proletárias. A mesma coisa na Alemanha. A arte e a arquitetura alemãs, arianas. A ciência alemã. Subjugadas a um projeto político. As relações religiosas, a dimensão espiritual do homem. As relações familiares, toda a existência humana é sujeita, é submetida, é subordinada a um projeto político. Isso é o totalitarismo. É um projeto total, de tomada total do ser humano. Isso é muito diferente de um autoritarismo político. Isso é muito diferente, não que seja bom, de uma mera supressão dos direitos políticos. São grandezas incomparáveis. Tem uma série de episódios da Segunda Guerra que mostram essa dimensão totalitária do nazismo. E o nazismo, nisso, é irmão do comunismo. São duas espécies do mesmo gênero, são dois tipos diferentes de totalitarismo.

A Conferência de Potsdam

Vencida a guerra, ocorre a Conferência de Potsdam. Potsdam é uma cidade ao lado de Berlim. Stalin representava a União Soviética, Truman, os Estados Unidos, e Churchill, a Inglaterra. Eles se reuniram para determinar o futuro da Alemanha e decidem dividir o país em quatro. Uma metade destinada aos soviéticos e a outra, ao Reino Unido, à França e aos Estados Unidos. Na partilha, Berlim fica localizada no lado soviético. Churchill e Truman tinham a convicção de que, se Berlim fosse entregue aos soviéticos, possivelmente nunca mais se pudesse recuperar o lado oriental da Alemanha. Por isso, Berlim também é dividida entre setores americano, francês, britânico e soviético. Estados Unidos, França e Reino Unido devolvem a soberania aos alemães. O exército vermelho, por outro lado, não vai embora. Os soviéticos permanecem em Berlim e na Alemanha Oriental até 1989.

Essa é a realidade da participação soviética e brutal diferença em relação à participação aliada na vitória na Segunda Guerra. Findado o conflito, os exércitos americano, francês e britânico ficam para dar apoio, entregando a soberania ao povo. No lado da Alemanha Oriental, os soviéticos ficam, mas não devolvem a soberania. Criam um país e três mentiras: a República Democrática da Alemanha. A Alemanha oriental, comunista, que não era uma república, não era democrática e não era alemã,

porque era comandada a partir de Moscou. Essa é a brutal diferença, no fim da Segunda Guerra, entre o que fizeram os aliados ocidentais e o que fizeram os soviéticos.

Até hoje, muitos comunistas vangloriam-se por terem vencido o nazismo e por serem antinazistas. Eles também alegam que o nazismo era anticomunista, e o era, de fato, porque, em sua natureza, o nazismo nunca aceitou a tese da luta de classes. O nazismo era anticomunista sim. Mas, nenhum totalitarismo pode demandar méritos por ser contra outro tipo de totalitarismo. Os comunistas ajudaram a vencer Hitler apenas para substituir a matriz totalitária das invasões nazistas.

Está claro como para a história da liberdade, para a história do liberalismo, a Segunda Guerra foi um momento decisivo e como Churchill soube pautar a causa da liberdade como a grande matriz pela qual lutaram os aliados.

O Churchill era muito difícil de entender, tinha um sotaque forte, mas vale a pena ouvir os áudios de seus discursos, disponíveis na internet. Primeiro porque ele tinha um domínio do tempo e das frases extraordinário. Ele escrevia os discursos com parágrafos, para não se perder. Fazia anotações de quando parar e de quais frases precisavam ser ditas com voz mais grave. Ele tinha um domínio da técnica de fazer o discurso. Além disso, era um mestre em fazer repetição de palavras, que é algo que aprendemos a não fazer quando estamos no colégio. Lembrem do que eu disse: “qual o nosso objetivo?” Ele fala vitória repetidas e reiteradas vezes.

PERGUNTAS

Pergunta: um debate bem possível de ser aberto, a partir do pensamento liberal, desta questão do Estado representar a sociedade para guerra, é até que ponto vai o liberalismo para manter uma força estatal a ponto de deter um outro Estado que não é liberal e quer invadi-lo. Muitas vezes nós podemos pensar qual é o limite do liberalismo para uma sociedade conseguir manter essa soberania quando em conflito com outra sociedade totalitária. Eu queria saber se o senhor tem alguma posição a respeito.

Resposta: essa é uma discussão que é, em termos de relevância em quantidade de debatedores, minúscula. Minúscula porque 99% das pessoas, talvez 1% dos libertários mais radicais, acham que imposto é roubo. Portanto, cobrar imposto,

mesmo que seja para manter um exército para vencer Hitler, é roubo e tão imoral quanto o próprio Hitler. Ou quase tão imoral quanto o próprio Hitler.

Eu sou um liberal clássico e acho que o pensamento liberal se forjou, na história, a partir de fatos concretos. Há, no mundo, algum Estado, fora a Costa Rica, que não tem exército, mas tem acordo de defesa mútua com os Estados Unidos, que prosperou sem conseguir prover os meios para a sua própria defesa? Não, porque foi invadido. É requisito mínimo para a existência da liberdade que nós consigamos prover os meios para defendê-la. Bom se bastarem poucos meios para isso. Mas, em última instância, a opção que se tinha era construir um exército gigante para vencer Hitler ou ser vencido por Hitler. Não havia outra opção.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que o liberalismo, para que possa prosperar, precisa dos meios para resistir à tirania. Infelizmente, isso significa impostos, e, no caso da guerra, não só impostos, mas houve um planejamento da economia. Essa era a discussão dos austríacos, nos anos 1960 e 1970. Durante a guerra, havia funcionado, nos Estados Unidos e na Inglaterra, uma tomada da economia e uma centralização, um planejamento econômico, para produzir esforço de guerra. Essa centralização e esse planejamento são necessários para isso, porque o mercado até pode produzir tanques de guerra, mas vai levar tempo, e tem as suas descoordenações. Então, o Estado determina que se um sujeito tem uma metalúrgica, vai produzir capacetes. Se o empresário manifesta que tinha o desejo de fazer panelas, o Estado responde que não se precisa de panelas, a nação precisa de capacetes.

Durante um modelo de guerra deste, existe uma intervenção exacerbadíssima na economia que, em tempos de paz, nenhum liberal defenderia. E a grande discussão ocorreu porque, depois da guerra, alguns países e alguns economistas pensaram que o que funcionara em tempos de guerra poderia funcionar em tempos de paz. Mesmo nos Estados Unidos, alguns economistas defendiam o planejamento central da economia. O que é uma excrescência, um absurdo, que, em tempos de paz, não faz nenhum sentido. Mas é importante perceber a diferença entre estar em tempo de paz e estar em tempo de guerra, resistindo a um invasor tirânico.

Comentário: até porque, não fazer esses esforços em tempos de guerra, vai fazer com que, futuramente, perca-se essa liberdade e a própria liberdade econômica pela ameaça do tirano.

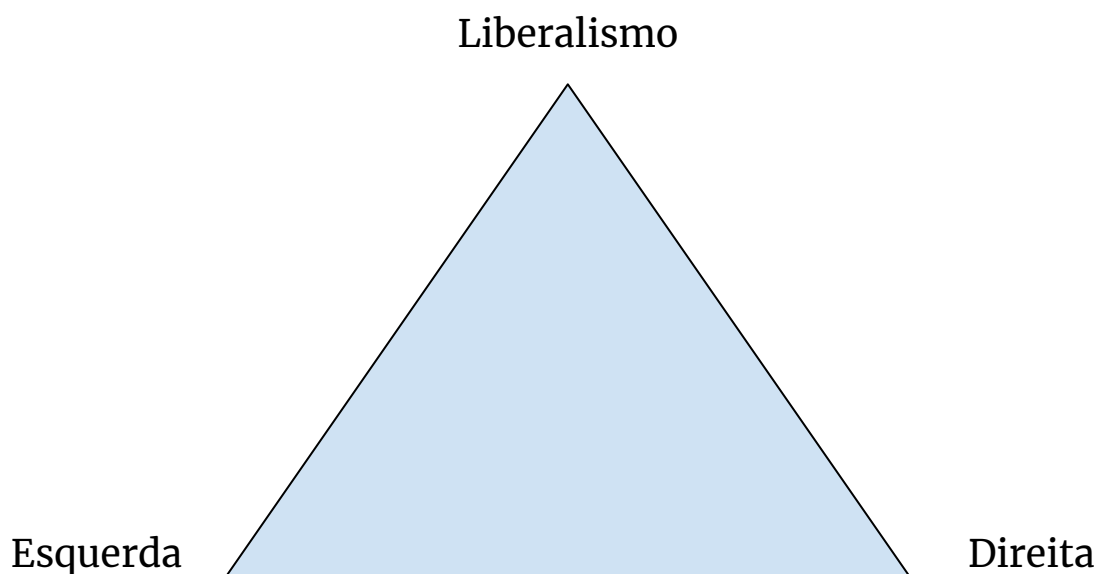
Resposta: esse parece ser o paradoxo, mas, na verdade, não é porque se coloca no tempo a diferença. Você prefere ser altamente tributado e ter uma intervenção econômica de alta relevância durante um tempo para resistir ao inimigo ou para sempre se perder a guerra? É isso.

Pergunta: o liberalismo na Alemanha, pós-Primeira Guerra Mundial, foi tão cruel assim?

Resposta: Eu não considero a República de Weimar como um período de liberalismo. É um período de racionalismo, de construção de um país em bases racionalistas dominado pela SPD, o Partido Social-democrata alemão, que governou desde o fim da Primeira Guerra. No fim da Primeira Guerra, o monarca jogou o poder para o SPD, que governou a Alemanha no início da República de Weimar. Não eram monarquistas, não eram conservadores, não eram liberais. Aliás, a Constituição de Weimar foi uma das inspirações, junto com a Constituição mexicana de 1917, ainda mais esquerdista, para a Constituição brasileira.

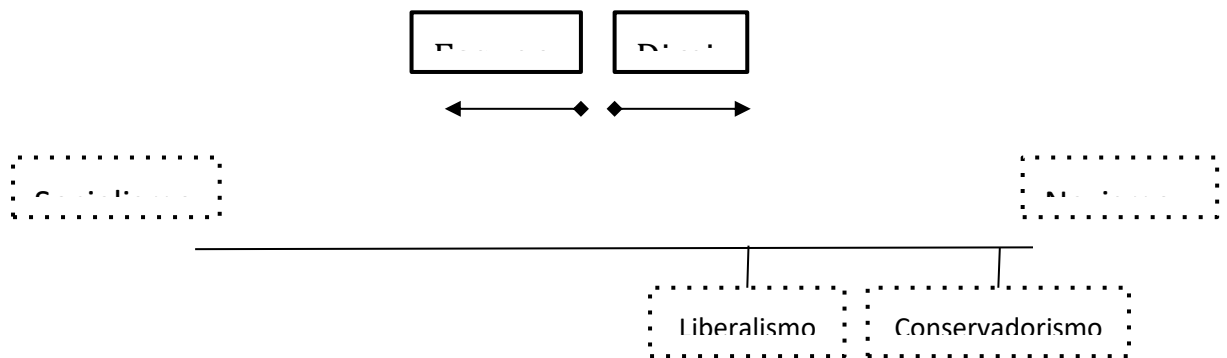
Pergunta: o nazismo era de esquerda ou de direita?

Resposta: Eu confesso que não tenho motivação de entrar nessa discussão, pois é uma discussão que pode ser muito profunda, mas, se não for muito profunda, é muito rasa. Não tem meio termo. E a forma com que ela foi proposta, no Brasil, foi a segunda, ou seja, de maneira muito rasa, tapada. É o seguinte: o Donald Stuart Jr. gostava do triângulo das posições que já mencionei em uma aula anteriormente.



Existe também o Diagrama de Nolan, com os eixos econômico e social. Há diversas formas de fazer essa classificação. Essa seria a discussão profunda.

Do ponto de vista econômico, havia um elemento socialista no nazismo que era o controle pelo Estado dos meios de produção. No entanto, o elemento fundamental do socialismo também é a luta de classes, que não havia no nazismo. Dá para fazer essa discussão de forma profunda e achar algumas parecidozas e algumas diferenças com o comunismo, com a esquerda. A grande maioria das pessoas concebe uma linha reta em que um polo é ocupado pela esquerda e outro, pela direita. É tautológico, talvez, mas as pessoas concebem esquerda, o comunismo; direita, o nazismo.



Dizer que o nazismo era de esquerda porque se chama Nacional Socialismo, porque tem socialismo no nome, é como dizer que a República Democrática da China é democrática porque o democrático está presente no seu nome. Este não é o socialismo de estirpe marxista. Isso é outro socialismo. Era de direita? Na Europa, nós liberais usamos o modelo de Donald Stuart Jr.. No Brasil, a concepção é essa linha reta com esquerda e direita ocupando os polos. E as pessoas acham que os liberais estão na direita e os conservadores fazem parte de uma direita mais extrema, estando os nazistas na extrema direita. Quando falam extrema direita, estão falando no nazismo, porque esse é o modelo adotado pela maioria das pessoas. Eu vou me arriscar a responder que o nazismo não é de esquerda. Não é liberal, não é conservador, é um totalitarismo de direita. Eu não vejo problema nenhum em dizer que há totalitarismos de direita porque a pessoa que se diz de direita no, Brasil, não está aderindo a essa ideologia. Dizer que existe um totalitarismo de direita não significa dizer que a direita tende ao totalitarismo.

Pergunta: o nazismo era de centro?

Resposta: Somos capazes de formular centenas de maneiras de posicionar. De novo, isso não está na natureza, isso é uma invenção humana e projetamos modelos. Portanto, não existe um modelo verdadeiro e um modelo falso. E eu estou tratando o tema com relação ao modelo que as pessoas têm mais presente na cabeça. Posso criar um modelo que o nazismo é qualquer coisa.

Pergunta: o que tinha a Polônia?

Resposta: havia povos germânicos morando no oeste da Polônia. Assim como povos na Ucrânia, que assistimos recentemente à invasão da Crimeia. A ideia da invasão da Polônia é a ideia do pangermanismo, de reunir, em uma só nação, todos os alemães. Esse é um dos elementos fundamentais que levou à invasão da Polônia. Era a semente do pangermanismo.

Pergunta: por que Hitler nunca invadiu a Inglaterra? Ele tinha medo de Churchill?

Resposta: Ele tentou. Na verdade, a Inglaterra e Londres foram bombardeados. Pensou-se até na evacuação da família real para os Estados Unidos. Tem a frase clássica da Rainha Mãe, a mãe da Rainha Elizabeth. Perguntam a ela se deixaria o país e sua resposta foi: o meu lugar, o lugar da rainha, é onde estiver o rei. E o lugar do Rei é onde estiver o seu povo. A família real ficou em Londres, em *bunkers*. A marinha britânica sempre foi uma das maiores ou a maior do mundo. Portanto, a própria travessia da Alemanha para uma invasão por terra ou por mar, era muito custosa e muito difícil porque a ilha era bem protegida pela *British Fleet*.

Pergunta: a força militar alemã era superior no início da guerra devido ao número de soldados?

Resposta: se devia ao número de soldados, ao investimento militar. Como recomeça o exército alemão? Com o fim da Primeira Guerra, os alemães ficam proibidos de estabelecer uma força militar. Era uma das cláusulas do Tratado de Versalhes. A força militar alemã começa com tropas privadas. Quais sejam, as *freikorps*, as tropas do Partido Nazista. Eram tropas partidárias, não subordinados ao Estado de Direito, mas a ideologia do partido. Essas tropas crescem. Quando Hitler toma o poder, transforma essas tropas do partido em tropas da Alemanha e faz um investimento pesado em treinamento militar. Ele enxergava o poder militar como uma forma de recuperação do orgulho alemão. Por isso que os uniformes da Alemanha nazista eram tão legais, desenhados, em sua maior parte, por Hugo Boss.

Pergunta: como a Alemanha, mesmo com tantos problemas econômicos, tornou-se tão forte militarmente?

Resposta: essa é a origem de muitas pessoas, durante o século 20, terem acreditado em uma economia planificada. Os nazistas tomam a economia e dirigem os esforços econômicos para um determinado fim. É possível ter sucesso dirigindo a economia para produzir um determinado fim e conseguir produzir um determinado fim? É possível. É possível fazer isso e ter prosperidade e liberdade ao mesmo tempo? Não.

Eu me lembro de uma piada que o Reagan contava que ilustra bem isso. O primeiro homem a orbitar a terra foi Yuri Gagarin, soviético. A piada do Reagan é a seguinte: um repórter vai à Moscou, na casa de Yuri Gagarin, entrevistá-lo. O repórter bate na porta e o filho de oito anos de Gagarin a abre. O repórter diz: “Boa tarde! Eu vim entrevistar Yuri Gagarin”. O menino responde: “meu pai não pode agora. Ele está dando uma volta na terra, ele vai chegar daqui uma hora mais ou menos. E o repórter pensa “meu deus, que sociedade avançada, que capacidade econômica, que poderio científico. Isso aqui é que é uma verdadeira civilização. Essa nação é tremenda. É espetacular”. O repórter olha então para o menino e diz: “Eu preciso falar com esse herói dessa grande potência. Posso esperar por ele?”. O menino diz que ele pode. O repórter confirma: “daqui uma hora ele está aqui?” E o menino responde que sim, que ele chega em uma hora. O repórter então pergunta onde está a mãe do menino. E este responde: “ah, a mãe está na fila do pão, ela vai levar umas quatro horas”.

Quer dizer, digamos que fosse verdade, é possível produzir um hospital de ponta em Cuba? É possível. Isso joga a sociedade na pobreza e na miséria, porque há uma drenagem de recursos para esse fim. A Alemanha conseguiu produzir um grande poderio militar, mas, ao final da guerra, estava arrasada economicamente. Precisou do plano Marshall e do reinvestimento para recuperar a vida econômica na Europa.

Pergunta: qual a veracidade de que Hitler, após a guerra, fugiu para a Patagônia/Argentina?

Resposta: não sei. Essa é uma história que circula muito, de que Hitler teria fugido. Vários oficiais nazistas vieram para a Argentina e também para o Brasil. Mengele morou no Brasil e na Argentina. Mengele era o médico que conduzia os experimentos nazistas. A história oficial conta que Hitler se matou no seu *bunker* em Berlim, mas o corpo nunca foi recuperado pelos aliados. Vamos nutrir a dúvida.

Pergunta: de que maneira a atuação da FEB auxiliou efetivamente os aliados na Segunda Guerra Mundial e qual o motivo, na opinião do professor, disso não ser amplamente divulgado atualmente.

Resposta: Auxiliou sim. Obteve vitórias importantes, sim. Conquistou Monte Castelo e teve relevância como tiveram vários países. Por que não fazemos justiça aos nossos heróis de guerra? Talvez isso esteja no contexto da síndrome de cachorro do brasileiro, de se depreciar a qualquer custo. Talvez esteja no contexto também do que aconteceu no Regime Militar e pós-regime militar de depreciar os militares brasileiros e a história militar brasileira. Diria que a mesma coisa acontece na Guerra do Paraguai. É verdade que a Guerra do Paraguai foi um massacre, mas o Brasil teve uma atuação de heroísmo militar, de alta qualidade, que também não é celebrada pelos brasileiros. Eu diria que o brasileiro não celebra nenhuma das suas conquistas militares e não valoriza os seus heróis. O Brasil também entrou tarde na Guerra, não tão tarde quanto os países que listei. Sobre Getúlio Vargas, o Brasil nutriu uma certa neutralidade. Quem visita o Palácio do Catete vai encontrar um colar presenteado por Hitler para Getúlio, com a suástica.

Pergunta: quando falamos da ocupação soviética e de sua manutenção até 1989, estamos falando do incentivo a uma determinada mentalidade e a uma determinada cultura dentro da Alemanha. Isso talvez tenha se chocado quando houve a queda do Muro de Berlim e a reunificação, porque estamos falando de povos que se desenvolveram ao longo daquele período de uma maneira muito diferente e a doutrinação soviética era, evidentemente, muito forte. Conseguimos traçar, hoje, alguma consequência política para essa dupla mentalidade? Essa dupla mentalidade de fato existiu? Hoje, na Alemanha, conseguimos ver efeitos disso políticos na condução do país?

Resposta: É complexo. Sim, falamos disso quando tratamos da queda do Muro de Berlim. Primeiro, a Alemanha Oriental saiu de um totalitarismo nazista para um totalitarismo comunista. Passou sobre um regime totalitário de 1933 a 1989. E a Alemanha só se reunifica em 1991. Ficaram cicatrizes políticas e culturais na Alemanha destes dois regimes. E essa divisão depois da Alemanha, em 1945, que perdurou até 1989. De um lado a Alemanha livre, do outro lado a Alemanha comunista, mudou a face do país. Primeiro porque, em termos de desenvolvimento econômico, o oeste se desenvolveu muito mais do que o leste, o qual caiu em miséria, o que sempre acontece nos regimes comunistas. A Alemanha também tem uma divisão em que o sul é mais industrializado e o norte é mais agrário. Como nós sabemos, no Brasil, essas diferenças produzem diferenças políticas. A esquerda sempre foi mais forte do lado oriental e a CDU, que é o partido democrata cristão,

sempre foi mais forte no que foi a Alemanha Ocidental. O SPD, o partido social-democrata, embora tenha muitos eleitores no oeste, também tem bastante força na ex-Alemanha comunista, e o partido comunista também tem muitos votos no que restou da Alemanha Oriental. Tem sim, alguma correlação política. Não é direta, é relativa. Mas, quando cai o muro, tinha uma diferença até nos arranjos familiares, na forma como as famílias se tratavam. O totalitarismo tem um impacto cultural tremendo. E isso levou anos para refundir na Alemanha. E talvez seja um processo que não esteja plenamente acabado. Basta andar em Berlim e ver os dois lados da cidade, depois de trinta anos se misturando, a diferença entre a arquitetura soviética de um lado, com grandes espaços abertos, prédios horrorosos, modernistas, quadrados, uma construção barata para poder dar casa para todos. Tem diferenças muito marcantes na Alemanha ainda.

A social-democracia é muito forte na Alemanha. O partido comunista já nem tanto. O *Welfare State* é muito forte na Alemanha. É um país muito rico e isso facilita uma certa mentalidade de *Welfare State*. Eles têm um *Welfare State* muito grande. Eu nunca gosto de fazer essas correlações diretas, mas, enfim, existem traços até hoje de preferência política. Embora, também, a resistência à esquerda que se criou dentro da Alemanha comunista é muito mais enraizada, talvez, do que em outros espaços, porque ali se sofreu o dia a dia do totalitarismo. A Alemanha passou por dois totalitarismos e optou por, ao fim dos totalitarismos, ter uma política de Estado de promoção da pluralidade. Então existe recurso público, dinheiro do pagador de impostos, para as fundações dos partidos promoverem pluralidade política, como um valor da nação. É óbvio que, no Brasil, hoje, não faz nenhum sentido dinheiro de impostos para propaganda política, porque nós temos 39 partidos e temos uma pluralidade plenamente estabelecida. Na Alemanha pós-guerra não era bem assim.

RECOMENDAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

KLAUS, Vaclav. Renaissance. *Renascimento da liberdade no coração da Europa.*

SONDERMANN, Ricardo. Churchill e a ciência por trás dos discursos. *Como palavras se transformam em armas.*

RECOMENDAÇÕES FILMES/SÉRIES

Filme A Rainha

Filme Dunquerque

Filme A queda

Filme Operação Valquíria.

Filme Adeus, Lenin.

Série Band of Brothers